



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)

ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

FOTOGRAFIA URBANA: SERES E ESPAÇOS COMO POESIA VISUAL

URBAN PHOTOGRAPHY: BEINGS AND SPACES AS VISUAL POETRY

FOTOGRAFÍA URBANA: SERES Y ESPACIOS COMO POESÍA VISUAL

Adriana Gotens Antunes

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria /RS, Brasil

Darci Raquel Fonseca

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria /RS, Brasil

Resumo

O presente ensaio emerge de uma experimentação com fotografia urbana no centro da cidade de Santa Maria (RS), ocorrida enquanto se transitava pelo espaço à espera de encontros, momentos singulares, movimento de seres e formas visuais que, com a sensibilidade da fotografia, se estabilizam como foto. Em tal processo, o coletivo colocou-se à espreita (KNEIPP; MOSSI, 2019), ou seja, em um estado de atenção e abertura às vidas que pulsavam no entorno, concebendo-as como capazes de criar múltiplas experiências estéticas (DEWEY, 2010). Partindo desses encontros que produziram fotografias, este texto propõe três formas/momentos de relação com a imagem fotográfica e o texto: uma escrita que destrincha conceitos referenciados bibliograficamente - como espreita, experiência, memória da cidade (ZANELLA, 2020), filosofia da fotografia (FLUSSER, 2002) e fotogenia (FONSECA, 2018) -, uma série de 21 fotografias urbanas e, ainda, fragmentos de uma escrita poética que se faz ao pensar acerca dessa prática fotográfica. Isso porque, da mesma forma que a cidade, a escrita e a imagem também são instâncias em movimento.

Palavras-chave: Fotografia urbana. Espreita. Poesia.

Abstract

This essay emerges from an experiment with urban photography in the city center of Santa Maria (RS), which took place while walking through the space waiting for encounters, singular moments, movement of beings and visual forms that, with the sensitivity of photography, are stabilized as a photo.. In this process, the collective placed itself on the lurking (KNEIPP; MOSSI, 2019), that is, in a state of attention and openness to the lives that pulsed in the surroundings, conceiving them as capable of creating multiple esthetic experiences (DEWEY, 2010). Based on these encounters that produced photographs, this text proposes three forms/momentos of



relating to the photographic image and the text: a piece of writing that unravels bibliographically referenced concepts - such as lurking, experience, memory of the city (ZANELLA, 2020), philosophy of photography (FLUSSER, 2002) and photogenic quality (FONSECA, 2018) -, a series of 21 urban photographs and also fragments of a poetic writing that is created by thinking about this photographic practice. Because, just like the city, the writing and the image are also instances in movement.

Keywords: Urban photography. Lurks. Poetry.

Resumen

Este ensayo surge de un experimento de fotografía urbana en el centro de la ciudad de Santa María (RS), que tuvo lugar mientras caminaba por el espacio a la espera de encuentros, momentos singulares, el movimiento de seres y formas visuales que, con la sensibilidad de la fotografía, se estabilizan como fotos. En este proceso, el colectivo se colocó al acecho (KNEIPP; MOSSI, 2019), es decir, en estado de atención y apertura a las vidas que pulsaban en el entorno, concibiéndolas como capaces de crear múltiples experiencias estéticas (DEWEY, 2010). A partir de estos encuentros que produjeron fotografías, este texto propone tres formas/momentos de relación con la imagen fotográfica y el texto: un escrito que desentraña conceptos referenciados bibliográficamente - como acecho, experiencia, memoria de la ciudad (ZANELLA, 2020), filosofía de la fotografía (FLUSSER, 2002) y fotogenia (FONSECA, 2018) -, una serie de 21 fotografías urbanas y también fragmentos de una escritura poética que se realiza pensando en esta práctica fotográfica. Porque, al igual que la ciudad, escritura e imagen son también instancias en movimiento.

Palabras clave: Fotografía urbana. Acecho. Poesía.

O espaço não existe
sem as pessoas
ou as pessoas não existem
sem o espaço?



A vida que pulsa no espaço e o movimento poético que emana dos seres

*A experiência, na medida em que é experiência,
consiste na acentuação da vitalidade.
(DEWEY, 2010, p. 83)*

A experiência da fotografia urbana é desafiadora em razão da multiplicidade de movimentos que a cidade carrega consigo: infinitos, emaranhados, sobrepostos em um único segundo. Esse pressuposto tornou-se verdadeiro ao vivenciar, em um coletivo, uma prática de fotografia urbana em um sábado à tarde no centro da cidade de Santa Maria (RS). Os sábados acentuam ainda mais tais trânsitos e movimentos inerentes ao centro da cidade, já que as praças se enchem de pessoas, os eventos se organizam, as vidas e as relações coletivas pulsam em toques e conversas e os momentos de lazer se fazem, finalmente, presentes. Aqui, é como se o olhar perspicaz voltado a tais pulsações no espaço urbano o transformassem em uma poética fotográfica. Dessa forma, o olhar atento da fotógrafa tem os sábados como foco de suas experiências estéticas, fazendo dele uma “acentuação da vitalidade”, referenciando o trecho supracitado.

O presente ensaio resulta, justamente, de uma tentativa de ver, compartilhar e fotografar as miudezas que compõem a grandeza da cidade e de suas relações cotidianas. Para tal, está organizado mediante três formas/momentos de relação com as linguagens da imagem fotográfica e do texto escrito: uma escrita que destrincha conceitos referenciados bibliograficamente - sendo eles: espreita (KNEIPP; MOSSI, 2019), experiência (DEWEY, 2010), memória da cidade (ZANELLA, 2020), filosofia da fotografia (FLUSSER, 2002) e fotogenia (FONSECA, 2018) -, uma série de 21 fotografias urbanas e, ainda, fragmentos de uma escrita poética que se faz ao pensar acerca das fotografias e do momento de fotografar enquanto se transita pela cidade.

Outra reflexão relevante quando se trata de olhar para a cidade atentamente diz respeito ao próprio ato de fotografar e a busca de um encontro com o objeto a ser fotografado. Uma fotografia sempre deve ser concebida como um universo em si mesma, já que, no momento de fotografar, deparamo-nos com infinitas



possibilidades e devemos tomar diversas decisões. Na prática fotográfica que aqui discutimos, buscamos conduzir nossas escolhas a nos atentarem para miudezas, ou seja, para os detalhes, instantes, gestos, enquadramentos, objetos e locais que poderiam passar despercebidos caso estivéssemos inertes em uma lógica capitalista de aceleração e cegueira que a correria do cotidiano nos impõe. Nesse sentido, por intermédio da realização das fotografias dessa série, a própria cidade passa a ser vista perante vozes e momentos menores que também a constituem em sua rotina, diferentemente das imagens e dos textos que se vê e lê ao entrar em contato com um livro ou um acervo de fotografias que conte a história “oficial” de determinado local:

Na complexa trama da cidade, memórias pregressas e vozes dominantes constituem o arquivo visível/audível que se apresenta aos leitores/transeuntes e a quem a visita. Predominam nesse arquivo vozes hegemônicas, oficiais; narrativas homogeneizantes e mitificadoras dos acontecimentos históricos, bem como das paisagens e de quem as edificou. **Mas a polifonia urbana congrega também vozes outras, sejam estridentes ou simples murmurios, ruídos, sussurros que tensionam esses discursos oficiais.** São ecos de vidas que resistem, com a própria diferença, às práticas homogeneizantes, a lembrar que há possibilidades de histórias outras. (ZANELLA, 2020, p. 07-08, grifo nosso).

Zanella indica a complexidade do espaço urbano. Assim sendo, para que possamos perceber e vivenciar cada detalhe que nos circunda ao transitar pela cidade sob um olhar artístico/criativo, é necessário que consideremos tais instantes a serem fotografados como parte de uma experiência estética. Há um trecho em que Dewey (2010) descreve, de maneira implícita e poética, como funciona tal experiência, destacando a indissociabilidade entre arte e vida: “As flores podem ser apreciadas sem que se conheçam as interações entre o solo, o ar, a umidade e as sementes das quais elas resultam. Mas não podem ser compreendidas sem que justamente essas interações sejam levadas em conta” (DEWEY, 2010, p. 73). Em outras palavras, uma experiência estética pode ser delineada considerando o próprio decorrer da vida e das nossas incontáveis interações com o entorno, que são inseparáveis da produção artística e cultural. Tais frases do autor, apesar de tratarem de flores, podem ser apropriadas para pensarmos acerca da própria fotografia urbana, já que ela apresenta, no instante que eterniza, um momento no

qual inúmeras interações se fizeram presentes: entre ser e espaço, entre luz e som, entre o aparelho e quem fotografa e entre quem fotografa e quem ou o que é fotografado, por exemplo. Uma cidade, portanto, só é compreendida caso levemos em conta as experiências que a constituem e as interações que elas produzem. Assim, ao habitar o espaço urbano, somos capazes de vivenciar experiências estéticas, e a fotografia realizada durante esse trânsito é um meio de atingi-las.

Ao fotografar, é possível que se coloque no aqui e agora do espaço perante a sensibilidade que afeta os órgãos do sentido e, assim, o corpo como uma totalidade. Tal sensibilização também ocorre porque, na cidade, "[...] somos convidados ao convívio cotidiano com a diferença, o acaso e a invenção" (ZANELLA, 2020, p. 17) e, portanto, processos de convívio com o outro, com o inesperado e com a multiplicidade mobilizam nossos corpos. A relevância de perceber o espaço urbano como lugar passível de propiciar experiências estéticas reside justamente em tal sensibilização. Quando circulamos cotidianamente pela cidade, é corriqueiro e provável que passemos a nos alienar de nossa corporeidade e vivenciar o trânsito de maneira automatizada e inconsciente de qualquer estímulo visual ou sonoro que possa nos afetar. É em decorrência disso que a prática da fotografia urbana se consolida como um processo capaz de reatar nossa sensibilidade ao que nos cerca, já que é impossível fotografar sem se colocar em um estado de atenção, espreita, abertura e reflexão.

Particularmente, no momento em que se fotografa, o corpo convida, sobretudo, os olhos e as mãos, em um movimento de observar atentamente e se colocar à espreita perante os olhos e, ainda, permitir que as mãos sigam tais movimentos e respondam de maneira ágil. A agilidade, por sua vez, é mencionada aqui, posto que é necessária quando consideramos que, nas experiências urbanas, tudo acontece de maneira instantânea e repentina e, assim, momentos que se deseja fotografar podem ser rapidamente perdidos. No que tange à mão e ao olho em uma experiência estética, como a de fotografar a cidade,

Ao manipularmos, tocamos e sentimos; ao olharmos, vemos; ao escutarmos, ouvimos. À mão se move com a agulha usada para gravar ou com o pincel. O olho acompanha e relata a consequência daquilo que é feito [...]. Essa intimidade vital da ligação não pode ser alcançada quando apenas a mão e os olhos estão implicados. Quando ambos não agem como órgãos do ser total, existe apenas uma sequência mecânica de senso e movimento, como em um



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)

ISSN 2319-0868

andar automático. **A mão e o olho, quando a experiência é estética, são apenas instrumentos pelos quais opera toda a criatura viva, impulsionada e atuante durante todo o tempo.**(DEWEY, 2010, p. 130-131, grifo nosso).

REVISTA DA FUNDARTE

E se a gente visse
cada canto da cidade
como um pedaço
de alguém que passou ali ?



Espreitar cada canto da cidade: o ato de fotografar e os corpos fotogênicos

As cidades revelam o frágil desejo de perenidade humano.

**O que passou, de alguma forma, fica inscrito no tecido da cidade,
ainda que de modo inseguro, instável, provisório.**

(ZANELLA, 2020, p. 17, grifo nosso)

Caso desejemos percebê-las de tal maneira, cada fotografia urbana revela marcas deixadas cotidianamente por nossos corpos, ainda que não estejam permanente e visivelmente inscritas no espaço após a realização da fotografia. Assim pensando, cada movimento transitório produzido na cidade, no momento em que é fotografado, deixa de ser algo corriqueiro e efêmero e assume uma posição de perenidade, a qual permite a produção de reflexões ao nos relacionarmos com as imagens fotográficas.

Não há como discutir essa prática sem recordar que grande parte das fotografias foi realizada em um estado completo de alerta e sensibilização, já que não fotografamos sentados, mas sim enquanto caminhávamos e construímos nossos próprios percursos na cidade. Em alguns momentos, uma cena, um espaço ou uma visualidade nos sensibilizava de tal maneira que exigia que parássemos por alguns segundos; outras ocorriam tão repentinamente que apenas o ato de erguer a câmera e apertar o botão em um único instante era suficiente. Ao pensar acerca desses momentos, podemos nos apropriar do conceito de “espreita”, discutido por Kneipp e Mossi (2019), o qual faz referência à letra “A de Animal” do Abecedário de Gilles Deleuze e se refere ao processo de se colocar em um estado de abertura e espera aos estímulos que nos cercam e afetam nossa percepção. Desdobrando o ato de estar à espreita, também podemos pensar nele estabelecendo relações com o que escreve Flusser (2009), ao considerar o ato de fotografar um ato de caça. A fotografia urbana, portanto, é resultante de um estado de sensibilidade e atenção que possibilita que os singelos movimentos da cidade, imperceptíveis para algumas pessoas, sejam “caçados” pelo olhar atento de quem fotografa. Esse sujeito está sempre à espreita de algo, como esclarece Deleuze:



Gilles Deleuze (1988-1989), ao abordar a letra ‘A de Animal’ em seu Abecedário (série de entrevistas concedidas à Claire Parnet), apresenta-nos a noção de ‘Animal’ como um ser fundamentalmente à espreita. Uma existência atenta que vê, ouve e fareja minuciosamente todo o seu entorno, estando sempre à espera de um novo estímulo a lhe afetar - ou melhor: que vive num estado de abertura de sentidos onde absolutamente tudo pode lhe ser estimulante, desde que seja capaz de ampliar seus atributos. (KNEIPP; MOSSI, 2019, p. 09).

Aprofundando um pouco mais o ato fotográfico, Flusser também discute os movimentos de quem fotografa, afirmando que:

Quem observar os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando movimento de caça. O antiqüíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura. (FLUSSER, 2009, p. 29).

Como Flusser nos provoca a pensar, o gesto de fotografar, considerando que este não é um ato puramente técnico, mas também sensível, também enfatiza conceitos que são diversos dada a tentacularidade da fotografia. Dito isso, outro conceito que deve ser problematizado e atribuído ao presente ensaio é o de “fotogenia”. Cada corpo que transitava pela cidade e foi fotografado na série pensada neste texto, mesmo que não tenha sido de maneira voluntariamente “posada” e, ainda, distante do tradicional enquadramento 3x4 de documentos, é fotogênico - justamente por ser agenciado pela luz e pela sensibilidade fotográfica. Isso porque a fotogenia não se refere ao “ser belo”, como comum e erroneamente atribuímos ao termo ao designar alguém como “fotogênico”, mas se refere ao “ser visível”, ser fotografado. Ainda, o ato de fotografar os corpos, em alguns momentos, em detalhes/fragmentos de sua corporeidade ou de costas, por exemplo, enfatiza a tentativa de se atentar a perspectivas além da percepção do belo enraizada em um retrato, expandindo-se para a atenção ao que cerca tais corpos e como eles se relacionam, em seus movimentos e suas vivências efêmeras, com o espaço urbano.

[...] a fotogenia se apresenta como uma possibilidade de dar à realidade uma existência suplementar e imperceptível do cotidiano vivido. Efêmera, certamente, mas alimento de uma ilusão que nos leva a tentar transparecer nosso ser numa aparente totalidade que

a fotografia concentra. Melhor ainda, de aparecer ou ser na aparição segundo outra luminosidade sensivelmente adquirida. Como explicar o que é fotogênico? **Seria a maneira de aparecer em uma fotografia?** Se a fotogenia é o que aparece pelo efeito da luz, o fotogênico seria então o sujeito (pessoa ou objeto) tal qual ele se mostra visivelmente na imagem. E, neste caso, **pouco importa se ele aparece belo ou não em outros suportes como a radiografia, pois o que importa é a sua visibilidade.** A fotogenia é a força visível das imagens mecânicas e tecnológicas. (FONSECA, 2018, p. 02, grifos nossos).

Há outra reflexão que pode ser delineada ao percebermos a fotogenia como a forma pela qual seres ou objetos ganham visibilidade perante a luz e a sensibilidade em uma imagem. A fotografia urbana como realização artística é, também, uma forma de visibilizar e passar a olhar poeticamente para sujeitos, vozes, espaços, momentos e memórias que poderiam ser ignorados. Através da aparição de tais seres e espaços na fotografia, retratados em um momento único no qual a luz e a sensibilidade se fizeram de maneira poética e tocaram quem fotografava, assumem a denominação de fotogênicos.

Em conclusão, convidamos aqueles que conduzem sua leitura até aqui para ver e deixar-se sensibilizar pela série de 21 fotografias urbanas, através dos fragmentos de escritas poéticas. Nesse processo, desejamos que seja possível que se explore as memórias que temos e colecionamos do espaço urbano, sobretudo em uma perspectiva de percebê-lo como plural, em movimento, repleto de miudezas, carregado de histórias e colecionador de tantas faces, perspectivas e trânsitos. As fotografias, ora em cores, ora em preto e branco, emergem de escolhas da fotógrafa dada a especificidade de cada circunstância experienciada no ato fotográfico. Ainda que a realidade não seja vista em preto e branco, a monocromia é uma opção estética que acentua determinadas cenas do espeço urbano e solicita uma atenção suplementar de quem as vê e mergulha na realidade singular da fotografia. Cada uma dessas realidades só existe em decorrência de existências movimentadas e únicas de seres, objetos e estruturas da cidade, os quais fizeram parte de nosso percurso naquele momento.



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)

ISSN 2319-0868

Os instantes seguintes,
fotografados na tarde de sábado
no centro da cidade de Santa Maria,
rs, em sua mitida grandeza,
possibilidades encontradas
ao olhar para o espaço
na posição de cores abertas
a se ajetarem pelo que ele oferece.

REVISTA DA FUNDARTE

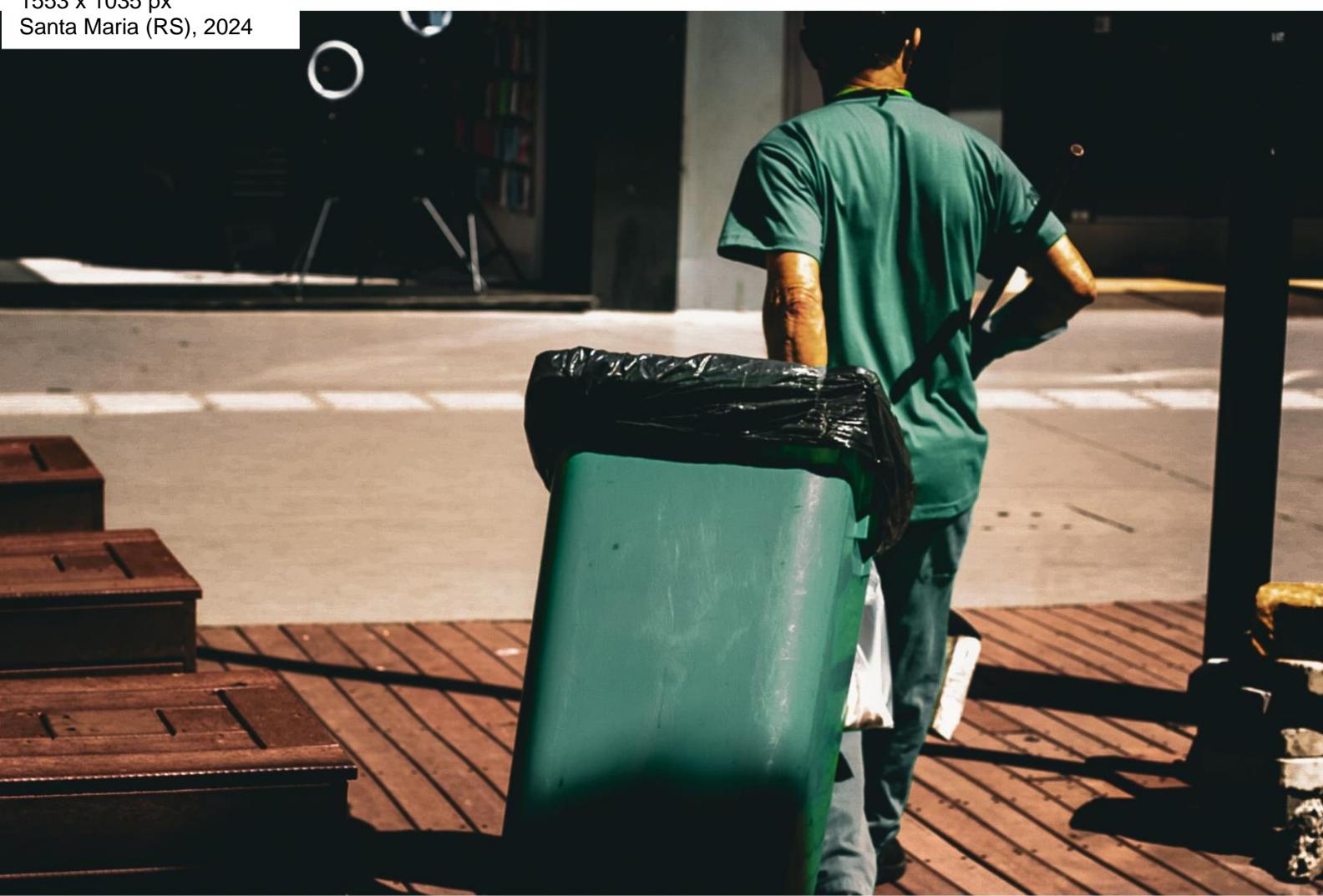
Figura 1 – fragmentos de algumas das fotografias da série



Fonte: das autoras



Fotografias digitais
1553 x 1035 px
Santa Maria (RS), 2024

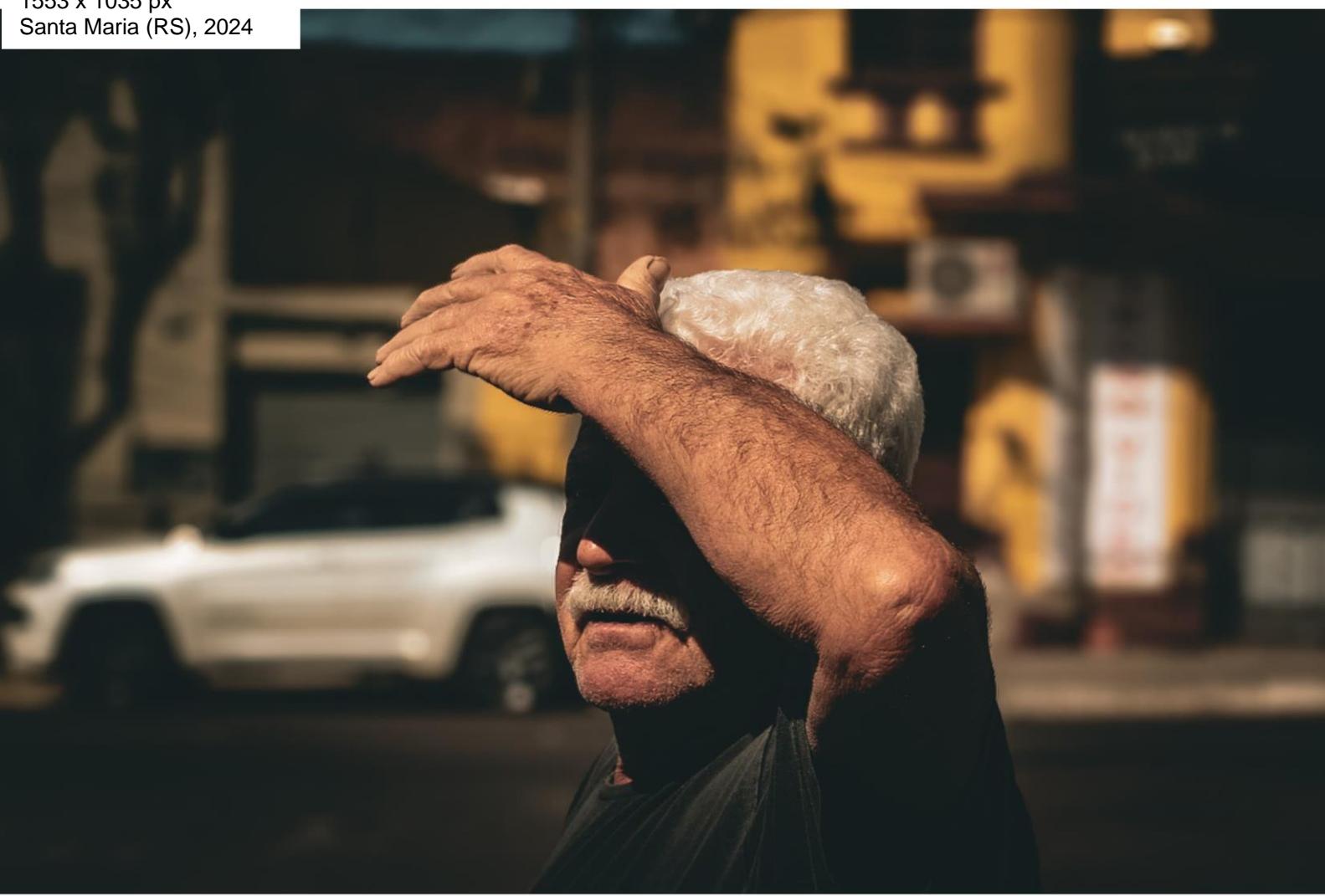




Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024



Fotografias digitais
1553 x 1035 px
Santa Maria (RS), 2024





Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024



Fotografias digitais
1553 x 1035 px cada
Santa Maria (RS), 2024



Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024



Fotografias digitais
1553 x 1035 px cada
Santa Maria (RS), 2024



A cidade também é
uma espécie de corpo,
se faz de fragmentos
de corporeidades
em trânsito constante:

de matéria,
de natureza,
de gente,
de som e luz.

Espaco urbano é lugar
onde se encontram
temporalidades,
perspectivas,
discursos,
forças.



Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024



Fotografias digitais
1553 x 1035 px cada
Santa Maria (RS), 2024

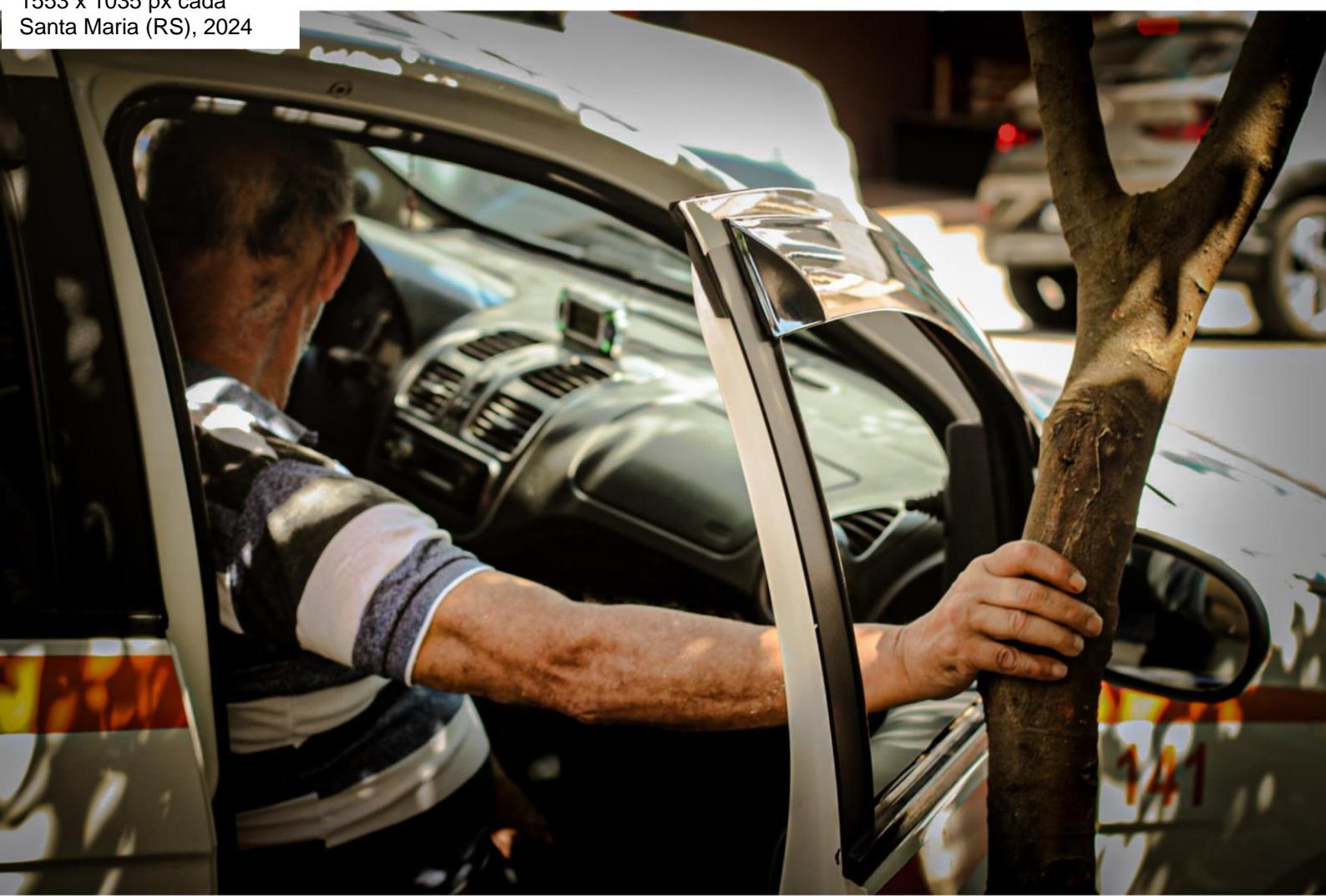


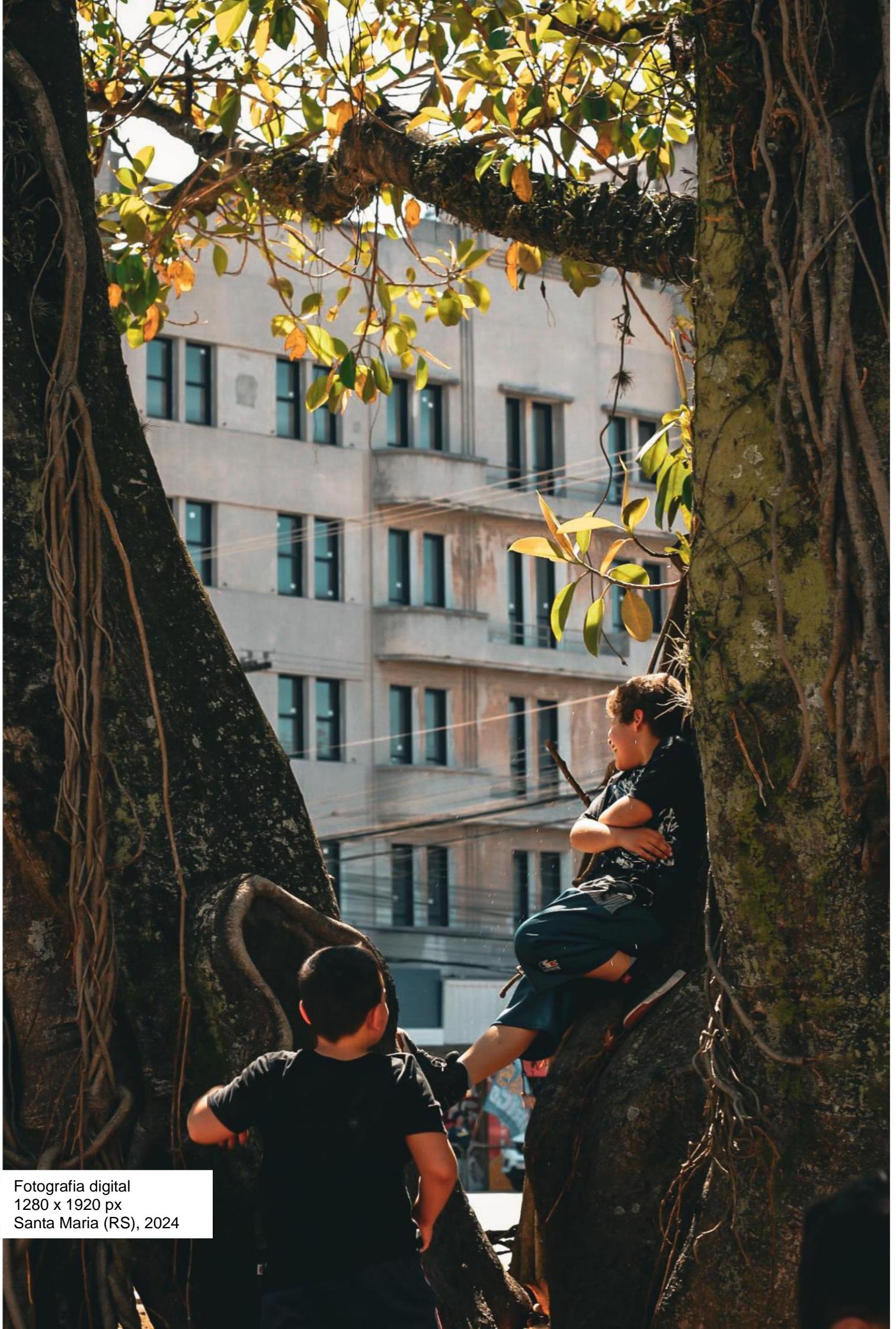


Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024



Fotografias digitais
1553 x 1035 px cada
Santa Maria (RS), 2024





Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024

Nun 'a foi sorte, sempre foi Deus

Fotografias digitais
1553 x 1035 px cada
Santa Maria (RS), 2024





Fotografia digital
1280 x 1920 px
Santa Maria (RS), 2024

Fotografar a cidade é ver relações entre nós e os outros e as coisas.

Fotografar urbana é instante de vestígio.

Cidade é espaço material e concreto, mas feita de imaterialidades e sentidos:

de contato,
de memória,
de poesia,
de visualidade,
de movimento.



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)

ISSN 2319-0868

Referências:

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FONSECA, Darci Raquel. As múltiplas faces da fotogenia. **Contemporânea - Revista do PPGART/UFSM**, v. 1, n. 1, p. 01-07, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/contemporanea/article/view/33832>. Acesso em: 12 fev. 2025.

KNEIPP, Carolina Goulart; MOSSI, Cristian Poletti. Entre o estranhamento e a espreita: um inventário de ideias para ensaiar criação em educação. **Revista Digital do LAV**, v. 12, n. 1, p. 04-17, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/36657>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ZANELLA, Andréa Vieira (Org.) **Arte e cidade, memória e experiência**. Teresina: EDUFPI, 2020.

Recebido em: 24/02/2025.

Aceito em: 07/05/2025 .

Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Adriana Gotens Antunes

Estudante de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista Pibid e integrante do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade (AVEC-UFSM) e do Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (GPICTO-UFSM).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3747-0464>

E-mail: adrianagotensantunes@gmail.com

Darci Raquel Fonseca

Professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGART/UFSM), fundadora e diretora da Editora do PPGART, coordenadora do LabFoto/CNPQ (Laboratório de pesquisa em fotografia) e membro do projeto Capes Print do LARA-SEPIA (Laboratório de Pesquisa em Audiovisual – Saber, Praxis et Poéticas em Arte, Universidade Jean Jaurès, Toulouse França).

E-mail: darci.raquel@ufsm.br



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)

ISSN 2319-0868



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhagual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte>. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://seer.fundarte.rs.gov.br/>

REVISTA
DA
FUNDARTE